

Notas sobre a religião no pensamento de Karl Barth

Notes on religion in the thought of Karl Barth

*Jefferson Zeferino

Resumo

O pensamento de Karl Barth é marcadamente cristão. Isto está bem representado em sua Dogmática da Igreja, cujo primeiro volume é dedicado à reflexão a respeito da palavra de Deus, isto é, sobre o modo como Deus se dá a conhecer. É neste volume que, ao encaminhar uma discussão a respeito do derramamento do Espírito Santo, o tema da religião recebe atenção. Na § 17, o autor fala sobre a revelação como abolição/elevação (*Aufhebung*) da religião. A partir de uma exploração bibliográfica, o presente estudo objetiva conhecer o modo como Karl Barth desenvolve sua abordagem sobre a religião. Conclui-se que a radicalidade de sua crítica à religião está alocada em sua compreensão sobre a revelação, de tal modo que nem mesmo a religião cristã escapa de seu escrutínio. Além disso, ao pontuar os limites da teologia na tentativa de dizer Deus, o teólogo de Basileia oferece pistas para uma crítica às teologias totalizantes e fundamentalistas que em suas pretensões de sentido e de verdade acreditam se apoderar das palavras certas sobre Deus.

Palavras-chave: Karl Barth.

Revelação. Religião. Teologia.

Cristianismo.

Abstract

Karl Barth's thinking is strikingly Christian. This is well represented in his Church Dogmatics, the first volume of which is devoted to reflection on the word of God, that is, on how God makes himself known. In this volume, the theme of religion receives attention in a discussion on the outpouring of the Holy Spirit. In §17, Barth speaks of revelation as the abolition/elevation (*Aufhebung*) of religion. This study aims to understand how Karl Barth develops his approach to religion based on a bibliographic exploration. It concludes that the radical nature of his criticism of religion is rooted in his understanding of revelation, to the extent that not even Christianity escapes his scrutiny. Furthermore, by pointing out the limits of theology in its attempt to speak of God, the Basel theologian offers clues for a critique of totalising and fundamentalist theologies, which, in their claims to meaning and truth, believe they have a monopoly on the right words about God.

Keywords: Karl Barth.

Revelation. Religion.

Theology. Christianity.

****Doutor em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Pós-Doutorado em Teologia (PPGT/PUCPR). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Contato: jeff.habeck@gmail.com**

Texto enviado em

14.09.2025

Aprovado em

30.09.2025



PUC-SP

Introdução

Por que revisitar o pensamento de Karl Barth diante do tema da religião? David Tracy (1981) ensina que a teologia pública acontece em um movimento de correlação crítica entre a situação contemporânea e a interpretação crítica dos clássicos da arte, da razão e da religião. Entre os teólogos cuja interpretação da tradição cristã, Tracy localiza como clássicos estão, entre outros, Karl Rahner e Karl Barth. Revisitar Barth é revisitar um clássico e, provocados pela condição humana e pela discussão religiosa na situação contemporânea, tal reencontro com o edifício teológico barthiano está informado por novas perguntas e pela humildade diante de uma obra monumental que não pode ser reduzida a encaixotamentos tipológicos. Barth escapa dos juízos totalizantes de liberais e ortodoxos e, na profundidade de sua reflexão a respeito da fé cristã, oferece elementos que ajudam a pensar o humano na atualidade (ZEFERINO; SINNER, 2022).

A crítica de Barth acerca da religião é radical. Para ele, a religião é tentativa humana de autodeterminação, salvação e santificação. Em outras palavras, a religião é uma forma de negligência do reconhecimento do senhorio de Deus em Jesus Cristo. Em tempos de diálogo inter-religioso, a postura de Barth pode parecer um grande obstáculo. Entretanto, parece pertinente um olhar mais próximo de sua lógica argumentativa para que se possa compreender a extensão e os acentos de sua crítica à religião.

O presente estudo organiza-se em três momentos: reflete a respeito da revelação de Deus conforme exposta no primeiro volume da “Dogmática da Igreja”; Examina a argumentação de Barth presente na § 17 da Dogmática, na qual escreve sobre a relevação de Deus como abolição/elevação da religião; visita outros textos do teólogo de Basileia que ampliam alguns aspectos da discussão. Conclui-se que o arcabouço teológico barthiano, apesar de marcadamente cristão, analisa criticamente a religião como realização humana, não poupando a própria religião cristã de tal escrutínio. Sua ênfase na revelação em Jesus Cristo e, conseqüentemente, no amor e na graça de Deus, localiza a teologia como saber pneumático que responde à proclamação da Igreja, mas que não pode se vangloriar de apoderar-se do mistério divino.

1 Notas sobre a revelação de Deus

Na Dogmática da Igreja, em seu volume inicial, dedicado à reflexão sobre a doutrina da Palavra de Deus, Karl Barth escreve uma introdução em que investiga a tarefa da dogmática de modo mais amplo e o lugar dos prolegômenos de modo mais específico. Para Barth, a “teologia consiste em falar sobre Deus na Igreja”¹ (BROMILEY, 1979, p. 3, tradução nossa). Em sua especificidade, “a teologia envolve um elemento de escrutínio próprio sobre a base, o objetivo e o conteúdo dessa fala sobre Deus”² (BROMILEY, 1979, p. 3, tradução nossa). Explica Geoffrey Bromiley, um dos responsáveis pela tradução da Dogmática para o inglês, que tal investigação não precisa estar sujeita aos critérios de outras ciências, mas à coesão entre o objeto e seu modo próprio de análise (BROMILEY, 1979, p. 3-4). A elaboração teológica barthiana acerca da religião, por ser teológica, não possui coerência externa, pois não é possível imputar caráter de revelação ao evento Cristo fora da teologia. Efetivamente, Barth não intenta fazer ciência ou filosofia da religião, ele parte do dado da fé enquanto pressuposto do fazer teológico (CUMMING, 2015, p. 50).

Barth, assim, entende que o labor teológico empregado pela dogmática³ se torna um exercício de fé que, por sua vez, se desdobra em atos de penitência, obediência e oração. A dogmática, ao se ocupar com a confissão e proclamação de fé da Igreja, concentra-se com o falar de Deus e o ouvir a Deus. Daí sua ênfase na palavra de Deus (BROMILEY, 1979, p. 4-5). Sua introdução é seguida por quatro capítulos:

Capítulo 1 – “A palavra de Deus como critério da Dogmática”⁴, composto pelas seções 3 a 7: § 3. “A proclamação da Igreja como material da dogmática”⁵; § 4. “A palavra de Deus em seu tríplice formato”⁶; § 5. “A natureza da Palavra de

1. “Theology consists of talk about God in the church.” Aqui e doravante, os textos originais são indicados em nota de rodapé. Explica-se que, no presente estudo, ainda enquanto aproximação inicial ao pensamento de Barth sobre a religião, utiliza-se a versão inglesa de sua Dogmática. Para estudos futuros projeta-se a inclusão da versão alemã para aprofundamento das discussões.

2. “More narrowly, however, theology involves an element of self-scrutiny.”

3. Quando nos referimos diretamente à Dogmática da Igreja, utilizamos, por vezes, o termo “Dogmática” com inicial maiúscula. Quando o trabalho faz menção ao trabalho teológico de reflexão “dogmática”, utiliza-se o termo com inicial minúscula.

4. “The Word of God as the Criterion of Dogmatics.”

5. “Church Proclamation as the Material of Dogmatics.”

6. “The Word of God in its Threefold Form.”

Deus”⁷; § 6. “A cognoscibilidade da palavra de Deus”⁸; § 7. “A palavra de Deus, dogma e dogmática”⁹ (BARTH, 1975).

Capítulo 2 – “A revelação de Deus”¹⁰, dividido em três partes. Parte I – “O Deus triúno”¹¹, composta pelas seções 8 a 12: § 8. “Deus em sua revelação”¹²; § 9. “A triunidade de Deus”¹³; § 10. “Deus, o Pai”¹⁴; § 11. “Deus, o Filho”¹⁵; § 12. Deus, o Espírito Santo”¹⁶ (BARTH, 1975). Parte II – “A encarnação da Palavra”¹⁷, composta pelas seções 13 a 15: § 13. “A liberdade de Deus para o humano”¹⁸; § 14. “O tempo da revelação”¹⁹; § 15. “O mistério da revelação”²⁰. Parte III - “O derramamento do Espírito Santo”²¹, composta pelas seções 16 a 18: § 16. “A liberdade do humano para Deus”²²; § 17. “A revelação de Deus como abolição da religião”²³; 18. “A vida dos filhos de Deus”²⁴ (BARTH, 1970).

Capítulo 3 - “A sagrada escritura”²⁵, composto pelas seções 19 a 21: § 19. “A palavra de Deus para a Igreja”²⁶; § 20. “Autoridade na Igreja”²⁷; § 21. “Liberdade na Igreja”²⁸ (BARTH, 1970).

Capítulo 4 - “A proclamação da Igreja”²⁹, composto pelas seções 22 a 24: § 22. “A missão da Igreja”³⁰; § 23. “A dogmática como função da Igreja que ouve”³¹; § 24. A dogmática como função da Igreja que ensina”³² (BARTH, 1970).

7. “The Nature of the Word of God.”

8. “The Knowability of the Word of God.”

9. “The Word of God, Dogma and Dogmatics.”

10. “The Revelation of God.”

11. “The Triune God.”

12. “God in His Revelation.”

13. “The Trinity of God.”

14. “God the Father.”

15. “God the Son.”

16. “God the Holy Spirit.”

17. “The Incarnation of the Word.”

18. “God’s Freedom for Man.”

19. “The Time of Revelation.”

20. “The Mystery of Revelation.”

21. “The Outpouring of the Holy Spirit.”

22. “The Freedom of Man for God.”

23. “The Revelation of God as the Abolition of Religion.”

24. “The Life of the Children of God.”

25. “Holy Scripture.”

26. “The Word of God for the Church.”

27. “Authority in the Church.”

28. “Freedom in the Church.”

29. “The Proclamation of the Church.”

30. “The Mission of the Church.”

31. “Dogmatics as a Function of the Hearing Church.”

32. “Dogmatics as a Function of the Teaching Church.”

Em sua estrutura, percebe-se, portanto, que Barth localiza a discussão a respeito da religião sob o tema da revelação e em relação com sua compreensão do Espírito Santo. De modo a situar o leitor no empreendimento teológico barthiano, parece pertinente, em linhas gerais, apontar alguns aspectos que constituem o desenvolvimento deste segundo capítulo.

Ao discutir o ser de Deus e sua revelação nas escrituras sagradas (§ 8), Barth compreende que a palavra revelada aponta para a Trindade, o Pai criador, o Filho reconciliador e o Espírito redentor. Deus, assim, é sujeito, ação e efeito (Bromiley, 1979, p. 13-15). Deus, em sua triunidade (§ 9), é uno em seus três distintos modos de ser que estão em contínua relação em sua parentalidade, filiação e espiritualidade (*spirithood*), isto é, na geração, no ser gerado e no proceder. Tal singularidade, porém, é também mistério de Deus, uma vez que conceitos e termos humanos não são capazes de dizer Deus, mas ajudam a tentar dizer aquilo que se quer dizer quando se é confrontado com o mistério divino (BROMILEY, 1979, p. 16-17).

O senhorio de Deus se expressa no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Deus, o Pai (§ 10), é reconhecido primeiro como Criador e, então, como Pai eterno, justamente por ser o Pai de Jesus Cristo. Daí que a paternidade do Pai não está diretamente ligada com a criação. O senhorio do Pai, de forma livre, cria e sustenta a existência humana. Assim, por analogia, o autor da existência pode ser chamado de Pai e Criador (BROMILEY, 1979, p. 17-18). Deus, o Filho (§ 11), é o Reconciliador e Filho eterno. Ele age de modo novo na reconciliação pela qual também é reconhecido como senhor. Alinhado ao credo niceno, Barth reforça a compreensão de Jesus Cristo como senhor, verdadeiro Deus, gerado, anterior a todos os tempos, luz, consubstancial ao Pai e por meio de quem todas as coisas foram criadas (BROMILEY, 1979, p. 19). Deus, o Espírito Santo (§ 12), é o Redentor e Espírito eterno. O Espírito Santo conduz à fé e à revelação. Seu trabalho redentor opera na garantia da participação, instrução e testemunho humanos. O Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho e é fator de comunhão entre eles, é senhor eterno, “ele é Deus como o ato de amor”³³ (BROMILEY, 1979, p. 20, tradução nossa).

Ao falar sobre a encarnação, Barth reflete a respeito de Jesus Cristo como a liberdade de Deus para o ser humano (§ 13). Por vontade de Deus, a revelação se

33. “He is God as the act of love.”

efetiva na encarnação (BROMILEY, 1979, p. 22-23). O tempo da revelação (§ 14) é o tempo em que Deus se dirige ao humano e isto acontece em um momento oportuno. O tempo do Antigo Testamento é o tempo da expectativa, enquanto o do Novo Testamento (NT) é o da memória. O NT aponta para a revelação na encarnação e para Jesus Cristo como um ser humano em dado momento e lugar históricos; aponta também para um Deus abscondito, na história de sofrimento de Jesus que deu sua vida sob o juízo divino; o NT testifica de um Deus presente na encarnação e que é novamente esperado em sua *parousia* (BROMILEY, 1979, p. 23-24). O mistério da revelação (§ 15) indica que, ao ser a revelação conhecida por meio da encarnação, a dogmática possui uma fundamentação cristológica. O milagre da concepção de Jesus, no qual “[...] Deus assume a criatura e transmite a ela a sua própria existência”³⁴, deve ser concebido sob o mistério divino (BROMILEY, 1979, p. 27, tradução nossa).

Finalmente, na terceira parte do Capítulo 2, Barth escreve sobre o derramamento do Espírito. A liberdade humana para Deus (§ 16), conta com o protagonismo do Espírito Santo. A escritura fala sobre aqueles que recebem a palavra em lugares e tempos determinados, como constituintes de uma comunidade chamada Igreja. A revelação é doação de Deus e recepção humana pelo Espírito Santo. Os aspectos objetivos e subjetivos da revelação, portanto, são distintos, mas inseparáveis. No que respeita à interface entre revelação e religião (§ 17), vale dizer que a segunda está relacionada justamente com o aspecto subjetivo da primeira. Aqui, Barth se dedica a refletir a respeito da relação entre religião e a teologia, discute a religião como descrença e tematiza o cristianismo como a verdadeira religião. Na vida dos filhos e filhas de Deus (§ 18), enquanto destinatários da revelação e, conseqüentemente, tema da dogmática, há um chamado para ser e agir no amor. O amor é tanto a base da existência humana, como horizonte de ação direcionado ao próximo (BROMILEY, 1979, p. 27-33).

2 Notas sobre a relação entre revelação e religião

Na §17 da Dogmática, Karl Barth reflete a respeito da revelação de Deus como *Aufhebung* da religião. A tradução inglesa da Dogmática e o comentário de Bromiley optam pelo uso do termo *abolition*. O próprio Bromiley (1979,

34. “At the conception God assumes the creature and imparts his own existence to it.”

p. 29), porém, faz a ressalva de que Barth estava ciente da duplicidade da terminologia, pois, em sua carga hegeliana, o termo pode significar tanto elevação como abolição. A seção sobre a religião está subdividida em três partes: 1. “O problema da religião na teologia”³⁵; 2. “Religião como descrença”³⁶; 3. “Religião verdadeira”³⁷ (BARTH, 2009).

1. De acordo com Barth, o problema da religião como tema teológico remete ao lado subjetivo da revelação que encontra o ser humano justamente na experiência do fenômeno religioso. Nesse sentido, o problema da religião deve ser considerado em sua pluralidade - as religiões. Porém, outra questão que emerge é se a revelação pode ser equiparada às demais religiões mundiais. O caminho do liberalismo teológico certamente abriu espaço para uma discussão geral sobre a religião, mas Barth entende estar na esteira de autores como Tomás de Aquino e Calvino, ao resistir a esta abertura. Para ele, uma teologia séria mantém sua fidelidade à revelação de Deus em Jesus Cristo. Desse modo, a pergunta não é pelo lugar da revelação no universo religioso, mas acerca do significado da religião no interior da revelação (BROMILEY, 1979, p. 29). A presença de Deus no universo das religiões humanas, significa, antes de mais, que Deus está presente. A revelação como abolição/elevação da religião se dá, sobretudo, na encarnação - pois neste movimento a revelação antecede a religião (BARTH, 2009, p. 100).

2. A compreensão da religião como descrença, quer dizer que a revelação se opõe a ideias arbitrárias sobre Deus e que a reconciliação divina contradiz a autodeterminação humana. A religião remete a tentativa humana de se tornar seu próprio Deus. A revelação, operando desde fora, coloca a religião em crise ao colocá-la sob o juízo da idolatria e da autodeterminação. Desse modo, mesmo se tornando disponível ao ser humano na forma da religião, a revelação a revoga (BROMILEY, 1979, p. 29-30). Aí opera também a distinção entre fé e descrença. A fé resulta do movimento de derramamento do Espírito e recepção humana, enquanto a religião seria, justamente, a descrença na forma da autojustificação (RODRIGUES, 2012).

3. O cristianismo é descrito como religião verdadeira em virtude da ação de Deus como criação, eleição, justificação e santificação, que permite que

35. “The Problem of Religion in Theology.”

36. “Religion as Unbelief.”

37. “True Religion.”

as pessoas creiam no nome de Jesus Cristo. O cristianismo não é religião verdadeira por qualidades próprias. Inclusive, quando tenta se provar como religião verdadeira, diversos problemas tomam forma, como na defesa de uma superioridade cristã ou mesmo no conceito de cristandade. Há, porém, que se compreender que há tanto a possibilidade de religião falsa como de religião verdadeira. Mas o que torna uma religião verdadeira é a ação de Deus. “Que exista religião verdadeira é uma ação da graça de Deus em Jesus Cristo e um evento no derramamento do Espírito Santo”³⁸ (BROMILEY, 1979, p. 30-31). É na revelação que Deus alcança o humano, tornando-se audível em Jesus Cristo. Quando Barth entende que a revelação revoga a religião, também o cristianismo é sujeito a esta crítica. É pela graça e ao proclamar o nome de Jesus Cristo, que ela pode ser elevada a religião verdadeira. Todavia, toda aproximação humana da revelação é religião, a revelação em si depende sempre de novo da obra vivificante do Espírito Santo, na medida em que aponta para a salvação mediada pelo Filho (CUMMING, 2015).

Apresentados, de modo panorâmico, os elementos que compõem a reflexão de Barth sobre a religião na §17 de sua Dogmática. Parece pertinente destacar alguns deles em relação com os estudos de alguns comentadores de Barth.

Em Barth, a religião é reconhecida como um fenômeno humano, considerando seus anseios e ideias sobre o divino. A revelação, por sua vez, é a própria comunicação de Deus com o ser humano. O homem é capaz de religião, mas somente pela força do Espírito ele pode ter acesso à realidade de Deus. Barth, porém, vale dizer, nunca se confrontou especificamente com alguma religião a ponto de estudá-la em relação com a fé cristã (WEST, 2014).

A discussão sobre verdadeiro e falso, segundo Eberhard Busch, deve considerar que, em Barth, Deus é a verdade e disso decorre que a verdade pertence a Deus e não ao ser humano. Acreditar que alguém possa se apoderar da verdade seria um autoengano. O caminho possível, para o teólogo de Basileia, é que a verdade busque o ser humano (BUSCH, 2004, p. 132-133). Nessa direção, a compreensão da religião como esforço humano, coloca também o cristianismo, enquanto religião, sob juízo - diante do qual, tanto a cristão quanto

38. No original: “That there is true religion is an act of God’s grace in Jesus Christ and an event in the outpouring of the Holy Spirit.”

a não cristãos resta a possibilidade de arrependimento e de esperança (BUSCH, 2004, p. 141, 145).

Busch, em sua análise sobre o engano da religião, indica que, para Barth, a revelação desmascara aquilo que é impiedade, mas que está sob a aparência da religião. Isto acontece pois ela demonstra que quando o humano fala sobre Deus, apenas se engana achando que pode falar de Deus; e que a busca humana de justificação e santificação como esforços próprios são movimentos centrados no próprio humano (BUSCH, 2004, p. 143-144).

A abolição (*Aufhebung*) da religião não significa sua negação, pois, pela graça, a religião pode subsistir na revelação. Tal justificação da religião se dá no agir de Deus que conecta o humano a ele. “Em nossa religião e apesar de nossa religião, somos livres para honrar a Deus, pois vivemos pela sua justificação e santificação, e somos livres para interagir com os adeptos de religiões não cristãs em solidariedade e esperança”³⁹ (BUSCH, 2004, p. 145, tradução nossa).

Tal dimensão ética, imaginada por Busch no âmbito inter-religioso, é conectada com a discussão sobre a religião por Richard P. Cumming. Para ele, com Barth é possível compreender que o humano que se relaciona com Deus não é um indivíduo isolado, mas humano em sua *co-humanidade*. O Deus que se relaciona com o humano, por sua vez, também é relacional – *Deus pro nobis* (Lutero). Em sua liberdade, Deus escolhe criar e amar a humanidade. Ser com Deus, é a compreensão barthiana da existência humana à luz do *Deus pro nobis*, que é um Deus sofredor (CUMMING, 2015, p. 53-59; ZEFERINO, 2018).

Com o auxílio dos citados comentaristas de Barth, destacaram-se aspectos ligados ao fazer teológico, à ética cristã, à vida comunitária, à compreensão da religião em sua relação com a revelação e à convivência com adeptos de outras religiões. De modo a sintetizar tal percurso, parece agora pertinente, como conclusão do tópico, citar a ementa com a qual Barth abre a §17:

A revelação de Deus no derramamento do Espírito Santo é a presença julgadora, mas também reconciliadora de Deus no mundo da religião humana, isto é, no âmbito das tentativas do humano de se justificar e santificar perante uma imagem instável e arbitrária de Deus. A Igreja é

39. No original: “In our religion and despite our religion, we are liberated to honor God in that we live by his justification and sanctification, and we are free also to interact with the adherents of non-Christian religions in solidarity and hope.”

o lugar da verdadeira religião, pois por meio da graça ela vive pela graça (BARTH, 2009, p. 81, tradução nossa).⁴⁰

3 Outras notas sobre a religião

Ao se compreender que a religião, em Barth, estaria corretamente ordenada se submissa à revelação, pode parecer que qualquer tentativa de abertura para as outras religiões resulte fracassada e que a única forma legítima de religião seria o fazer teológico cristão enquanto glorificação de Jesus Cristo. Entretanto, como já indicado nos tópicos anteriores, há aspectos do pensamento de Barth que garantem um espaço de diálogo. Há, certamente, que se admitir que sua arquitetônica teológica é marcadamente cristã, ainda assim, ele desencoraja um pretensão domínio da verdade, reconhece descaminhos históricos realizados pela religião cristã e convoca teólogos e teólogas a um exercício humilde e não totalizante de sua tarefa.

O tema da religião aparece em diferentes momentos do pensamento barthiano. De modo seletivo, destacam-se alguns aspectos que parecem contribuir com o caminho argumentativo desenvolvido até aqui.

Em *O problema da ética na atualidade*, ao refletir sobre fins penúltimos, como a religião e a moral, Barth escreve:

Ou será que o homem religioso em si, seja ele Lutero, Inácio de Loyola ou Kierkegaard, ele com sua estranha peculiaridade, seu fanatismo, sua presunção, sua tendência quase que inevitável ao farisaísmo dos mais refinados, com seu titanismo supremo e audaz - pois isto é que é religião, encarada como querer e fazer humano - será que esse homem poderá ser entendido como estação no caminho rumo ao reino do amor? Não poderia ser logo ele, tragicamente, o mais grave empecilho para a vinda do mesmo, não poderia ser o fim religioso o mais heterogêneo de todos em relação ao fim último? (BARTH, 2006, p. 100).

Desde a contraposição entre revelação e religião, como vista na Dogmática, é possível interpretar essa passagem como reflexão da crítica barthiana à autodeterminação humana. Já no texto de 1922, Barth repousa sua teologia na revelação de um Deus de misericórdia e amor. No encontro com o humano,

40. “The revelation of God in the outpouring of the Holy Spirit is the judging but also reconciling presence of God in the world of human religion, that is, in the realm of man’s attempts to justify and to sanctify himself before a capricious and arbitrary picture of God. The Church is the locus of true religion, so far as through grace it lives by grace.”

porém, permanece a infinita diferença qualitativa entre eles. Dizer Deus, torna-se, assim, um desafio, uma vez que o que se pode falar sobre Deus são sempre apenas palavras. O que resta ao humano é confiar em Deus e em sua graça. Afirma Barth:

O que é fé eu tiraria daquela passagem no evangelho onde consta: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé.” E o que é revelação o depreenderia de uma palavra de Lutero: “Eu não o sei nem o entendo, mas ouço soar de lá de cima para dentro de meus ouvidos o que pessoa alguma jamais concebeu” (BARTH, 2006, p. 106).

Para Barth, portanto, a fé e a revelação confirmam a impossibilidade do ser humano chegar a Deus por si mesmo. As palavras fé e revelação não resolvem a crise ética, mas apontam para o caminho de Deus na direção da humanidade – Jesus Cristo.

Ao localizar a discussão sobre a religião sob o tema do Espírito Santo, em sua Dogmática, soa razoável pensar alguns elementos da pneumatologia barthiana. Em sua “Introdução à teologia evangélica”, Barth reserva algumas páginas para refletir a respeito do Espírito dentro do tema do lugar da teologia. Ele compreende que a teologia evangélica só pode existir como uma teologia pneumática, uma vez que ela, como “ciência modesta, livre, crítica e alegre, só poderá ser possível e real dentro do campo de força do Espírito, só como teologia pneumática” (BARTH, 2007, p. 39). Mais, a teologia “só poderá existir se tiver a coragem de confiar que o Espírito é a verdade, que ele levanta a pergunta pela verdade e simultaneamente a responde” (BARTH, 2007, p. 39). Efetivamente, a teologia pneumática é aquela que não arroga para si nenhuma sustentação, pois está fundada em algo que não pode ser controlado. Ela pensa a liberdade de Deus, não ditando as regras, mas seguindo o agir do próprio Deus, não podendo ser outra coisa senão doxologia. Assim, para Barth, é confiando no Espírito, mas sem apoderar-se dele que o fazer teológico tem lugar.

A teologia evangélica deve estar ciente de suas limitações e de que só consegue executar seu trabalho se não tentar se apoderar daquilo que a sustenta. Caso aquilo de que a teologia evangélica fala fosse um pressuposto, tal “poder do qual ela se apoderasse não seria um poder capaz de sustentar nem a teologia nem suas teses” (BARTH, 2007, p. 36). O poder que sustenta todas as coisas não está disponível para ser controlado, mas está “presente e atuante no

conteúdo das teses da teologia, na história da salvação e na revelação, no ouvir e no falar das testemunhas bíblicas, na existência e na ação da comunidade por eles convocada”. Este poder “ao ser testemunhado, está presente e atuante também no labor da comunidade - mas poder que a transcende em todos os sentidos” (BARTH, 2007, p. 36). Decreta Barth: “Ninguém, portanto, manuseia esse poder” (BARTH, 2007, p. 37).

A teologia evangélica, desse modo, parece “pairar no ar” (*ruah, pneuma*). Um “ar movimentado, fresco, saudável, em contraposição ao ar imóvel do quarto fechado, ar este que não mexe com ninguém, mas que não passa de ar viciado” (BARTH, 2007, p. 37). A palavra de Deus, a comunidade, as testemunhas e a teologia têm lugar “na esfera do ar que livremente se move e põe em movimento”. Este é “o poder atuante de Deus, poder de revelar-se livremente aos seres humanos, penetrar em sua vida e, assim libertá-los para Ele” (BARTH, 2007, p. 37).

Como teologia pneumática, a teologia evangélica é teologia espiritual justamente quando movida pelo “ar fresco e movimento do Espírito”, e perde sua tração quando “se deixa atrair e impelir para dentro de recintos em cujo ar viciado está automática e radicalmente impedida de ser e de realizar o que poderia e deveria” (BARTH, 2007, p. 39). Um espírito viciado, ar pressuposto de recintos fechados, não movimenta a vida da comunidade. Para Barth, portanto, a teologia evangélica é o clamor pelo Espírito. “A teologia evangélica é rica nesta sua pobreza total, firmemente sustentada e segurada nessa sua completa falta de pressuposições”. Ela é “rica, sustentada e segurada ao aceitar a promessa, agarrando-se a ela sem ceticismo, mas também sem arrogância”. Sabendo que “é o Espírito, e não a teologia, que ‘tudo escruta, até mesmo as profundezas de Deus’” (BARTH, 2007, p. 40).

Cerca de quarenta anos antes de seu canto de cisne, Barth, ao refletir sobre “A palavra de Deus como encargo da teologia”, afirma:

Precisamente de modo tão exato devemos considerar que essa é a situação de nosso encargo, que de Deus somente o *próprio* Deus pode falar. O encargo da teologia é a palavra de Deus. [...] devemos considerar que o alvo de nossos caminhos é que o próprio Deus fale (BARTH, 2006, p. 82).

Estabelecida a devida humildade do humano que quer tratar do mistério de Deus, compreende-se que a esperança da teologia é “que o próprio Deus fale”. O teólogo suíço compreende que Deus realmente fala, que suas palavras criativas (*logos* e *dabar*) e redentoras (Jesus Cristo) ressoam para dentro da humanidade por meio da humanização do próprio Deus:

Todos os meus pensamentos giram em torno daquele um ponto, que no Novo Testamento se chama Jesus Cristo. Quem diz “Jesus Cristo” não pode dizer: “poderia ser”, mas: “é”. No entanto, quem de nós está em condições de dizer “Jesus Cristo”? Nós talvez tenhamos de nos contentar com a constatação de que Jesus Cristo é dito pelas suas primeiras testemunhas. Crer na promessa com base em seu testemunho e ser, portanto, testemunhas de seus testemunhos, ou seja, teólogos escriturísticos, isso seria então nosso encargo (BARTH, 2006, p. 83).

Em sua arquitetônica, Barth fala de uma teologia evangélica para a Igreja. A autoridade da Bíblia é interna à comunidade dos crentes. Tal teologia é possível desde uma coerência interna, mas incapaz de apoderar-se daquilo em que diz crer. A revelação que, para Barth, é a própria comunicação de Deus em Jesus Cristo, está para além da religião justamente por estar fora do domínio humano. À teologia, entende Barth, resta a esperança de que Deus fale e que o ar fresco do Espírito a movimente. Por fim, provocados pelo caminho argumentativo de Barth e como livre exercício de interpretação de sua teologia, parece razoável questionar se, como realização humana, os discursos teológicos não pertencem, em última instância, ao universo da religião.

Considerações Finais

O presente estudo estabelece uma primeira aproximação à teologia de Karl Barth sobre a religião. Sem a pretensão de esgotar o tema e cientes do amplo universo bibliográfico que ainda pode ser visitado para a ampliação da discussão, buscou-se apresentar a questão da religião na Dogmática em diálogo com outros escritos do teólogo suíço. Conclui-se que, em seu pensamento, a revelação precede a religião, estando a segunda abrigada na primeira como momento subjetivo da comunicação da revelação divina no derramamento do Espírito. Todas as religiões enquanto construções humanas estão sob a crítica barthiana da religião, incluído o cristianismo. Disso decorre o reconhecimento dos limites da própria teologia evangélica que subsiste apenas quando

movimentada pelo ar movimentado do Espírito. O fazer teológico, portanto, é, antes de mais, tarefa humilde que não deveria cair na tentação de apoderar-se de Deus.

Barth assume a existência de Deus como verdadeira, mas a entende como não completamente apreensível. De certa forma, podemos dizer que, para Barth, não só ao ser humano é impossível chegar a Deus como também é impossível apreendê-lo teoricamente em sua integralidade. Esta crítica deve ser aplicada ao próprio pensamento de Barth, entendendo sua elaboração teológica, assim como qualquer outra, enquanto precária, provisória e contextual. Percepção que ele mesmo corroboraria, pois, para ele “toda obra humana é só trabalho preparatório, e um livro teológico ainda o é mais que qualquer outra obra!” (BARTH, 2016, p. 43).

Percebe-se justamente aí a força da teologia barthiana na resistência a teologias fundamentalistas. A ortodoxia barthiana é humanista (ZEFERINO; SINER, 2022), abre-se para a fragilidade da existência e para a fragilidade da própria teologia em sua incapacidade de dizer Deus e apoderar-se dele. Nesse sentido, ajuda a balizar a crítica contra teologias e discursos religiosos que se pretendem totalizantes ou mesmo que não reconheçam os limites da própria religião cristã. A afirmação do cristianismo a qualquer custo encontra um interessante obstáculo na teologia de Barth. Nesse sentido, Barth pode ser considerado um interessante ponto de tensão interna, uma vez que sua teologia dogmática não relativiza aspectos tradicionais da fé cristã. Efetivamente, ao dar força para o reconhecimento dos limites das construções humanas da teologia e da religião cristã, Barth desvela perspectivas teológicas que acreditam dominar as palavras⁴¹ e, por meio delas, a Deus, como impiedade, idolatria e autojustificação.

Apesar de Barth não ter assumido a tarefa de pensar o diálogo inter-religioso, ao proclamar um Deus humanado, pode-se compreender a promoção da vida, da misericórdia e da graça como pontos de partida para um diálogo entre as religiões focado na potencialização das características de gratuidade e solidariedade das tradições religiosas em um processo de mútuo aprendizado. Aqui, a ética pode exercer uma função de diálogo e serviço. Para Barth, na

41. Sobre isso, ver o debate de Rubem Alves (2020) acerca do que ele denominava de Protestantismo da Reta Doutrina.

imagem de Jesus como o ser humano para os outros, também o humano é compreendido em sua existência relacional. Ser humano com o outro, co-humanidade, existindo no amor e em amor, faz com que a fé cristã não possa ser reduzida ao amor aos cristãos. A relação filial com Deus não é isolada, mas vivida em co-humanidade e comunidade.

Referências

- ALVES, Rubem. Religião e repressão. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020.
- BARTH, Karl. Church Dogmatics. The Doctrine of the Word of God. Volume I. § 16-18. The Revelation of God: The Outpouring of the Holy Spirit. London, New York: T&T Clark, 2009.
- BARTH, Karl. A Carta aos Romanos. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2016.
- BARTH, Karl. Church Dogmatics. The Doctrine of the Word of God. Volume I, Part One. Edinburgh: T&T Clark, 1975.
- BARTH, Karl. Church Dogmatics. The Doctrine of the Word of God. Volume I, Part Two. Edinburgh: T&T Clark, 1970.
- BARTH, Karl. Dádiva e louvor: ensaios teológicos de Karl Barth. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006.
- BARTH, Karl. Introdução à teologia evangélica. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BROMILEY, Geoffrey W. Introduction to the Theology of Karl Barth. Edinburgh: T&T Clark, 1979.
- BUSCH, Eberhard. The great passion: an introduction to Karl Barth's Theology. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.
- CUMMING, Richard Paul. Revelation as apologetic category: a reconsideration of Karl Barth's engagement with Ludwig Feuerbach's critique of religion. Scottish Journal of Theology, v. 68. n.1, p. 43-60, 2015.
- RODRIGUES, Adriani Milli. A crítica da religião na teologia de Karl Barth. Kerygma, v. 8, n. 1, p. 37-67, 2012.
- TRACY, David. The Analogical Imagination: Christian Theology and the Culture of Pluralism. New York: Crossroad, 1981.

WEST, Charles. Barth, Kraemer, and Bonhoeffer on Religion: a reflection. *Journal of Ecumenical Studies*, v. 49, n. 1, p. 53-58, 2014.

ZEFERINO, Jefferson. Karl Barth e teologia pública: contribuições ao discurso teológico público na relação entre clássicos teológicos e res publica no horizonte da teologia da cidadania. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

ZEFERINO, Jefferson; SINNER, Rudolf. O humanismo cristão de Karl Barth: uma teologia pública? *Pistis & Praxis*, v. 14, n. 1, p. 133-154, 2022, doi: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.14.001.DS07>.